



**Festa da Sagrada Família (Ano C)**

O texto – **Lc 2,41-52**

- 41 Os *PAIS DE JESUS* iam todos os anos a **JERUSALÉM**, pela *feira* da Páscoa.
- 42 Quando Ele chegou aos doze anos,  
subiram com ele, segundo o costume da *feira*.
- 43 Terminados esses dias, eles voltaram  
e o menino ficou em **JERUSALÉM**,  
sem que os pais o soubessem.
- 44 Pensando que Ele se encontrava na *CARAVANA*,  
fizeram um dia de viagem  
e começaram a *procurá-lo* entre os *PARENTES E CONHECIDOS*.
- 45 Não o tendo encontrado, voltaram a **JERUSALÉM**,  
à sua *procura*.
- 46 Três dias depois, encontraram-no no **TEMPLO**,  
**sentado entre os doutores,**  
**ouvindo-os e interrogando-os.**
- 47 E todos se maravilhavam, ao ouvi-lo,  
**pela sua inteligência e as suas respostas.**
- 48 Ao vê-lo, ficaram assombrados  
e sua mãe disse-lhe:  
«Filho, porque nos fizeste isto? Olha que *TEU PAI E EU*  
andávamos aflitos à tua *procura!*»
- 49 **Ele disse-lhes:**  
«Porque me *procuráveis?*  
Não sabíeis que **devia** estar **NAS (COISAS) DE MEU PAI?**»
- 50 Mas eles não compreenderam *a palavra que lhes dizia*.
- 51 E desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso.  
Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.
- 52 *E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e dos homens.*

Breve comentário

Colocado como final dos dois primeiros capítulos de Lucas, este episódio tem valor de profecia e projecta-se para o futuro. A primeira palavra de Jesus (v. 49) lança uma nova luz sobre tudo o que foi dito até aqui a propósito do filho-servo e, ao mesmo tempo, fornece a chave de leitura de todo o resto do evangelho. Esta primeira palavra – dada como resposta a quem o procurou e encontrou ao terceiro dia – não exprime um nome ou um título novo. Manifesta o modo incondicionalmente filial como Jesus se empenhou na história dos homens. Numa submissão absoluta em relação ao Pai, Jesus introduz-nos no coração do mistério da sua pessoa, que escapa à nossa compreensão: «Eles não compreenderam» (v. 50). «Não sabíeis que eu devia...?». O evangelista, ao longo do seu evangelho, irá retomar mais 18 vezes este sentido de necessidade imperiosa de realizar o projecto do Pai.

A narração começa com um acto de obediência de Jesus à Lei e termina com um gesto de submissão em relação aos pais. O menino tornou-se um homem: livremente «desceu com eles, voltou a Nazaré e era-lhes submisso» (v. 51). Todo o episódio deixa perceber que esta obediência é algo mais profundo que o respeito ou a reverência que cada judeu devia ter para com os seus pais.

Chegada à maioridade religiosa, normalmente com a idade de 13 anos, o menino hebreu tornava-se «bar mitzvah», isto é, «filho do preceito». A partir daí devia observar as prescrições da Lei, em particular no que respeita às 3 festas principais (Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos) que deviam ser acompanhadas com uma peregrinação a Jerusalém (cf. Dt 16,16; Lv 23). O evangelista Lucas apresenta esta subida de Jesus a Jerusalém aos 12 anos, naturalmente inspirando-se na figura do profeta Samuel que foi apresentado no templo de Silo, na festa da Páscoa, quando tinha 12 anos.

A escolha do Templo como lugar de manifestação do Filho é tipicamente lucana: Nele tem início o evangelho (1,8-9) e Simeão reconhece a salvação esperada por Israel (2,29-32). É com uma referência ao Templo que termina o evangelho (Lc 24,53).

A insistência de Lucas na sabedoria de Jesus não deve passar despercebida. No v. 47, o menino que interroga os rabinos peritos no conhecimento da Torah (Lei) é apresentado como um mestre que responde às suas perguntas. Surge a maravilha, tão comum em Lucas, diante daquele que se apresenta como a Palavra de graça e à luz do qual todo o Antigo Testamento irá ter sentido. Por isso, Jesus ressuscitado interpreta as Escrituras aos discípulos de Emaús (24,27) e, aos discípulos reunidos, abriu-lhes a mente para que as entendessem (24,45).

É a sabedoria do Filho que vive na intimidade do Pai e no qual confia. Por isso, a oração confiante ao Pai no monte das Oliveiras (22,42) ou a sua última palavra antes de morrer: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (23,46). Também Jesus ressuscitado, antes de deixar os seus, lhes indicará o Espírito como «a promessa do Pai» (24,49).

Com a resposta a Maria e a José, Jesus começa a distanciar-se dos seus. A Páscoa em que se situa este texto é uma prefiguração da última Páscoa de Jesus na qual, depois de três dias, as mulheres e os discípulos, não encontrando o corpo de Jesus, se rendem à evidência: realmente Jesus está junto do seu Pai. E as duas testemunhas, no túmulo, recordarão às mulheres a palavra de Jesus: «é necessário que seja entregue...» (24,7).

O final do texto apresenta um refrão muito caro a Lucas: «Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração», na esperança de um dia lhe seja dado perceber o que sucedeu. Esta primeira ruptura anuncia a última em que ela perderá definitivamente o seu Filho para, depois de três dias o reencontrar para sempre na fé.

A frase final estabelece, uma vez mais, a comparação com o profeta Samuel (cf. 1Sm 2,26).